

SÍTIOS DE REPRESENTAÇÃO RUPESTRE NA REGIÃO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA

Carlos Alberto Santos Costa
Doutorando em Arqueologia da Universidade de Coimbra
Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

RESUMO:

Neste artigo objetivamos apresentar os resultados preliminares dos estudos de sítios de representação rupestre de um setor do Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia. Para este estágio das pesquisas, apresentaremos as tendências gráficas, os padrões de ocupação e de distribuição espacial dos sítios no território, que parecem esboçar um cenário arqueológico bastante peculiar para a região. Tais resultados preliminares sugerem que os padrões gráficos específicos possivelmente fossem distintos no tempo, além de afirmar a potencialidade dos símbolos geométricos universais para interpretações arqueológicas regionais.

Palavras-chave: sítios rupestres; Piemonte da Chapada Diamantina; Bahia.

ABSTRACT:

The aim of this paper is to present the preliminary results of a study of rock graphics sites in a specific part of the Chapada Diamantina Piedmont in the Brazilian state of Bahia. Based on this stage of the study, we present the pictorial trends, patterns of occupation and spatial distribution of the sites in this area, which appear to form a highly unique archaeological setting for this region. These preliminary results suggest that specific pictorial patterns may have belonged to a distinct period, as well as affirming the potential of using universal geometric symbols in local archaeological interpretations.

Keywords: Rock graphics sites; Chapada Diamantina Piedmont; Bahia.

Este trabalho resume o estado atual das pesquisas relacionadas ao projeto “Representações rupestres no Piemonte da Chapada Diamantina - região de Jacobina”, que se encontra em desenvolvimento no Doutorado em Arqueologia da Universidade de Coimbra, com apoio do Instituto de Investigação Interdisciplinar. A área na qual concentramos às pesquisas corresponde à região Setentrional da Chapada Diamantina, em sua Cuesta Norte, que abarca os municípios de Caém, Campo Grande, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba e Saúde, no Estado da Bahia, Brasil. Trata-se da região geograficamente conhecida como Piemonte da Chapada Diamantina ou região de Jacobina. O setor de recorte da pesquisa tem aproximados 70x80km e está compreendido entre as feições geológicas reconhecidas como Serra

do Tombador e a Serra de Jacobina (Sampaio et. alli, 2001). Cabe enfatizar que, do ponto de vista arqueológico, esta região nunca havia sido estudada (Costa, 2005; Etchevarne, 2005a, 2005b, 2005c e 2007; Prous, 1992; Martín, 1999) até o início de nossas investigações (Costa, no prelo).

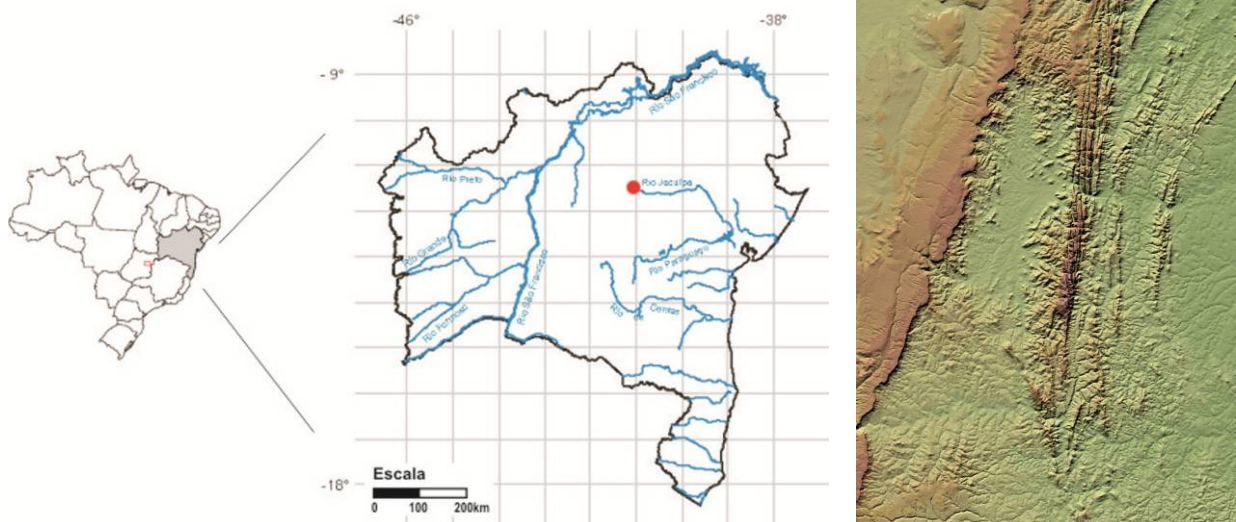


Imagem 1: Região Piemonte da Chapada Diamantina no contexto do Estado da Bahia. Recorte da pesquisa: a *cuesta* à esquerda corresponde à Serra do Tombador; a serra na porção centro/direita a Serra de Jacobina. Imagem: Relevo SRTM da EMBRAPA.

Justamente por ser desconhecida e, contrariamente, por estar passando por um processo intenso de exploração dos recursos naturais de maneira agressiva e desordenada, a região nos motivou ao estudo, de forma que decidimos empreender esforços no levantamento de dados e na construção de conhecimento arqueológico para este setor do Estado da Bahia.

Entretanto, antes de nos debruçar no universo de pesquisa, cabe compreender alguns fatores limitadores dos estudos. Em primeiro aspecto, cabe informar que toda área do alto da chapada, até então visitada, sofre forte processo de extração de rochas para pisos, calçamentos de ruas, meio-fio etc. Como os exploradores do trabalho deste ramo (supostos empresários) popularizaram entre os trabalhadores a idéia de que os sítios rupestres limitam a possibilidade de trabalho das famílias que extraem as rochas, ocorre que há um incentivo à destruição dos sítios rupestres, o que poderíamos configurar como um verdadeiro devassamento. Desta maneira, quando chegamos aos abrigos rochosos, em especial àqueles do alto da chapada, já os encontramos sem os painéis pictográficos, arrasados através de escoriações ou queimados (cobertos de fuligem), formas mais comum de destruição. Os sítios

que têm sido parcialmente mantidos, neste contexto, são aqueles baixos, de abrigos fundos, onde a visualização através de luz natural é possível apenas em um momento do dia; isto é, a sua aparente invisibilidade é que promoveu sua manutenção parcial.

Se, por um lado, temos os fatores antrópicos, que limitam a observação desta região, por outro temos os naturais, que embora menos vorazes que os primeiros, são também condicionantes a serem considerados. No caso dos sítios localizados no pé das serras percebemos que estes sofrem com o crescimento de líquens e musgos sobre as pinturas, favorecidos pela intensa umidade que este setor da formação geológica detém, aliado a preservação da mata natural, em decorrência da dificuldade de acesso a estas localidades. No entanto, apesar disto, são estes sítios que melhor se preservaram até a atualidade, sendo que, para alguns casos, há a possibilidade de limpeza e re-visualização das pinturas.

Este segundo cenário, em contraponto aos sítios depredados pela ação humana, demonstra que, efetivamente, a ação da natureza na deterioração dos sítios é contínua e lenta e, às vezes, parcialmente reversível, enquanto a ação humana é rápida e irreversível (Comerlato 2005 e 2006). Estas considerações, de cunho metodológico, são abordadas preliminarmente aqui, pois se apresentam como condicionantes à pesquisa, senão, em alguns casos, eliminam qualquer possibilidade de realizá-las.

Uma vez feitas estas considerações, cabe esclarecer o que pretendemos, objetivamente, com a nossa pesquisa. Nosso foco se concentra em: realizar levantamento sistemático de sítios de “representação rupestre”; observar como os grupos que ocuparam os sítios de representação rupestre se apropriaram dos suportes rochosos naturais, buscando identificar as regras que levaram à escolha ou descarte de locais para a confecção das pinturas ou gravuras rupestres, através da formação geológica e morfológica dos abrigos, grutas, paredões, tocas e matacões; pesquisar como eram aplicados os pigmentos ou realizadas as incisões que proporcionaram a confecção dos painéis de representação, bem como a maneira pela qual se preparavam os suportes rochosos para receberem tais painéis; identificar os signos representados e suas distribuições nos painéis, com o sentido de levantar fatores formais de disposição da pintura ou gravura, tais como

associação, isolamento, concentração, centralização, marginalização, repetição etc.; com base nos dados analisados intra-sítio, levantar os elementos externos que permitam a investigação da relação existente entre os diferentes sítios de representação rupestre, as técnicas de confecção reconhecidas nos diferentes sítios, bem como dos motivos representados, além da distribuição espacial dos sítios, com o sentido de identificar dados que possibilitem discutir a territorialidade dos grupos humanos que viveram no Piemonte da Chapada Diamantina; por fim, caso possível, associar o universo analisado aos diferentes sítios com outras categorias de cultura material (Leroi-Gourhan, 1984; Sanchidrián, 2001; Vialou 1982a, 1982b, 1984, 1985, 1987, 1993, 1999 e 2005).

Entendemos que estes objetivos (que se encontram em execução) permitirão ampliar o conhecimento sobre as sociedades que habitaram a região de Jacobina em tempos pré-coloniais. Como adendo de cunho teórico, cabe ressaltar que esta área se afigura como de transição entre chapada e planície, de maneira que os distintos ecossistemas identificados possibilitam discutir premissas utilizadas na arqueologia, passíveis de questionamento, que preconizam que a produção de cultura material e o padrão de escolha de locais para ocupação seriam determinados pelo ambiente geográfico, o chamado determinismo ambiental, defendido inicialmente por Betty Meggers para a região amazônica no Brasil (1974 e 1976), durante o PRONAPA (Prous, 1992).

No que diz respeito ao conjunto de dados que dispomos, até o instante levantamos um universo de 45 (quarenta e cinco) sítios rupestres, dentre os quais 37 (trinta e sete) na Serra do Tombador, 3 (três) na Serra de Jacobina e 5 (cinco) nas regiões circunvizinhas. No intuito de promover leituras contextuais acerca deste conjunto, apresentamos nas três tabelas que seguem uma síntese dos dados empíricos disponíveis, apenas abordando informações acerca de localização geomorfológica, forma do sítio e composição da rocha suporte, locais escolhidos para representar no sítio, técnica de aplicação dos registros gráficos e, por fim, motivos representados e cor de representação. A seleção destes dados, para este artigo, servirá de subsídio para a construção das análises que realizaremos:

TABELA 1: SÍTIOS NA SERRA DO TOMBADOR

Sítio		Localização	Tipo / Sítio	Local para representar	Técnica	Motivos / Cor
1	Pé de Serra	Base de serra	Abrigo em arenito	Parede, teto	Pincel, dedo, <i>crayon</i>	Geométrico / Vermelho, branco, preto
2	Complexo Tombador	Tombador 1	Abrigo e loca em arenito	Parede, teto	Pincel, dedo, <i>crayon</i>	Antropomorfo, zoomorfo, geométrico, borrão / Vermelho, amarelo, preto
		Tombador 2				
		Tombador 3a				
		Tombador 3b				
		Tombador 3c				
		Tombador 4a				
		Tombador 4b				
		Tombador 5a				
		Tombador 5b				
		Tombador 6				
		Tombador 7a				
Tombador 7b						
Tombador 8						
Tombador 9						
3	Tombador de Cima I	Meia encosta	Abrigo em arenito	Teto	Dedo	Geométrico / Vermelho
4	Tombador de Cima II	Topo de serra	Abrigo em arenito	Parede	Dedo	Geométrico / Vermelho
5	Tombador de Cima III	Topo de serra	Abrigo em arenito	Parede	Dedo	Geométrico / Vermelho
6	São Judas Tadeu I	Topo de serra	Abrigo em arenito	Teto	Dedo, <i>crayon</i>	Geométrico / Vermelho
7	São Judas Tadeu II	Topo de serra	Abrigo em arenito	Teto	Dedo	Geométrico / Vermelho
8	São Judas Tadeu III	Topo de serra	Abrigo em arenito	Parede, teto	Dedo	Geométrico / Vermelho, amarelo
9	São Judas Tadeu IV	Topo de serra	Abrigo em arenito	Parede, teto	Dedo, <i>crayon</i>	Geométrico / Vermelho, amarelo
10	Cambaitira I - abrigo 1	Base de serra	Abrigo em arenito	Parede, teto	Dedo, <i>crayon</i>	Geométrico / Vermelho, amarelo, preto
	Cambaitira I - abrigo 2					
11	Cambaitira II	Topo de serra	Abrigo em arenito	Parede, teto	Dedo	Geométrico / Vermelho, amarelo
12	Cambaitira III - abrigo 1	Fundo de vale	Abrigo em arenito	Parede, teto	Dedo, <i>crayon</i>	Geométrico / Vermelho
	Cambaitira III - abrigo 2					
13	Três Coqueiros I - abrigo 1	Topo de serra	Loca em arenito	Parede	Pincel fino, dedo, <i>crayon</i>	Geométrico / Vermelho, amarelo
	Três Coqueiros I - abrigo 2					
14	Três Coqueiros II	Topo de serra	Loca em arenito	Parede	Dedo	Geométrico / Vermelho
15	São Judas Tadeu V - abrigo 1	Topo de serra	Loca em arenito	Parede	Dedo	Geométrico / Vermelho
	São Judas Tadeu V - abrigo 2					
	São Judas Tadeu V - abrigo 3					
16	São Judas Tadeu VI	Topo de serra	Abrigo em arenito	Parede, teto	Dedo	Geométrico / Vermelho

17	São Judas Tadeu VII	Topo de serra	Loca em arenito	Teto	Dedo	Geométrico / Vermelho
18	Barragem do Cantinho	Beira de rio	Abrigo em arenito	Parede	Dedo	Geométrico / Vermelho
19	Morro do Cruzeiro I	Topo de serra	Abrigo em arenito	Parede, teto	Dedo	Geométrico / Vermelho
20	Morro do Cruzeiro II	Brejo	Abrigo em arenito	Teto	Dedo	Geométrico / Vermelho
21	Fazenda Caldeirão I - abrigo 1 Fazenda Caldeirão I - abrigo 2	Beira de rio	Loca em arenito	Parede, teto	Dedo	Antropomorfo, geométrico / Vermelho
22	Fazenda Caldeirão II	Beira de rio	Loca em arenito	Parede, teto	Dedo	Geométrico / Vermelho
23	Fazenda Caldeirão III	Beira de rio	Loca em arenito	Teto	Dedo	Geométrico / Vermelho
24	Fazenda Caldeirão IV - abrigo 1 Fazenda Caldeirão IV - abrigo 2	Beira de rio	Loca em arenito	Teto	Dedo	Geométrico / Vermelho
25	Serra do Tamanco - abrigo 1 Serra do Tamanco - abrigo 2	Base de serra	Loca e matacão em arenito	Parede, teto	Pincel fino, dedo, <i>crayon</i>	Geométrico / Vermelho
26	Serra do Cílio I	Base de serra	Abrigo em arenito	Teto	<i>Crayon</i>	Geométrico / Vermelho
27	Serra do Cílio II - abrigo 1 Serra do Cílio II - abrigo 2	Topo de serra	Loca em arenito	Parede, teto	Dedo	Zoomorfo, geométrico / Vermelho, amarelo
28	Serra do Cílio III	Topo de serra	Loca em arenito	Teto	Pincel fino, dedo, <i>crayon</i> , carvão	Geométrico / Vermelho, preto
29	Três Coqueiros III	Base de serra	Loca em arenito	Parede, teto	Dedo	Geométrico / Vermelho
30	Seixos	Topo de serra	Abrigo em conglomerado de seixos	Parede, piso, teto	Pincel fino, dedo, <i>crayon</i> , carvão	Zoomorfo, geométrico / Vermelho, preto
31	Gogó da Gata	Base de serra	Paredão e gruta em arenito	Parede	Dedo	Geométrico / Vermelho
32	Rio Preto 1	Topo de serra	Abrigo em arenito	Parede, teto	Dedo	Geométrico / Vermelho
33	Rio Preto 2	Topo de serra	Abrigo em arenito	Parede, teto	Mão, dedo	Antropomorfo, geométrico / Vermelho
34	Rio Preto 3	Topo de serra	Abrigo em arenito	Parede	Dedo	Geométrico / Vermelho
35	Rio Preto 4	Topo de serra	Abrigo em arenito	Parede, teto	Pincel fino, dedo	Geométrico / Vermelho
36	Olho D'água	Topo de serra	Abrigo em arenito	Parede, teto	Pincel fino, dedo	Geométrico / Vermelho, amarelo
37	As Moitas	Meia encosta	Abrigo em arenito	Parede, teto	Pincel grosso, pincel fino, dedo	Geométrico / Vermelho

TABELA 2: SÍTIOS NA SERRA DE JACOBINA						
Sítio		Localização	Tipo / Sítio	Local para representar	Técnica	Motivos / Cor
38	Bananeira	Beira de rio	Parede quartzito	Parede	Pincel fino, mão, dedo	Antropomorfo, geométrico / Vermelho
39	Macaqueira	Fundo de vale	Abrigo em quartzito	Parede	Dedo	Geométrico / Vermelho
40	Da Lua	Meia encosta	Paredão em quartzito	Parede	Pincel fino, dedo, <i>crayon</i>	Geométrico / Vermelho

TABELA 3: SÍTIOS NAS ÁREAS CIRCUNVIZINHAS						
Sítio		Localização	Tipo / Sítio	Local para representar	Técnica	Motivos / Cor
41	Igrejinha (Taquarandi)	Meia encosta	Caverna calcárea	Parede, teto	Dedo	Geométrico / vermelho
42	Pilões ou Barriguda	Fundo de vale	Matacão	Parede	Dedo	Geométrico, borrão / vermelho
43	Pedra Pintada	Fundo de vale	Boqueirão de arenito	Parede, teto	Pincel, dedo, <i>crayon</i>	Antropomorfo, zoomorfo, geométrico, fitomorfo / Vermelho, amarelo
44	Várzea Nova I	Beira de rio	Loça em calcáreo	Teto	<i>Crayon</i>	Geométrico / Vermelho
45	Genipapo (Saúde)	Base de serra	Paredão em quartzito	Parede	Pincel grosso, <i>crayon</i>	Geométrico / Vermelho



Imagem 2: Matacão em que se encontra o sítio Pilões. Foto: Carlos Costa (Fev/2009).



Imagem 3: Imagem do abrigo do sítio Pé de Serra. Foto: Carlos Costa (Fev/2009).

Pelas características sumarizadas é percebe-se uma série de recorrências, que são indicativas de padrões específicos de ocupação, relacionadas tanto a escolha da área de representar quanto à forma de representar. Os dados sintetizados nos possibilitam, para este momento das investigações, algumas considerações que

parecem pertinentes como elementos norteadores das pesquisas, sejam para a atualização das hipóteses de trabalho ou para a continuidade dos mesmos:

- 95% dos sítios de pintura dispõem de painéis com “signos” (Leroi-Gourhan, 1984) geométricos representados, especificamente feitos com o uso dos dedos, nas cores vermelha (predominantemente), amarela e/ou preta;
- Adensando a informação acima disponibilizada, os signos geométricos aplicados com o uso dos dedos apresentam uma grande recorrência de motivos, que sugerem a existência de uma linguagem gráfica específica, o que poderíamos chamar de uma “gramática decorativa” (Otte, 1985) comum à região Piemonte da Chapada Diamantina. Àqueles signos que apresentam maior recorrência são: 1) linhas verticais paralelas, unidas por uma linha horizontal na parte superior, semelhante a um pente; 2) retângulo com as extremidades arredondadas, subdividido por linhas verticais; 3) linhas paralelas, dispostas na vertical ou na horizontal; 4) linhas formadas por pontos, dispostas uma paralela a outra; 5) círculos concêntricos raiados; 6) círculos abertos formados por linhas; 7) linhas em semi-círculos, dispostas paralelamente (em formato de arco-íris); 8) linhas paralelas, dispostas de quatro em quatro barras, separadas por um espaço; 9) pontos desordenados.



Imagem 4: Geométricos do sítio Cambaitira I.

Foto: Carlos Costa (Fev/2009).



Imagem 5: Geométricos do sítio Igreja. Foto:

Carlos Costa (Fev/2009).

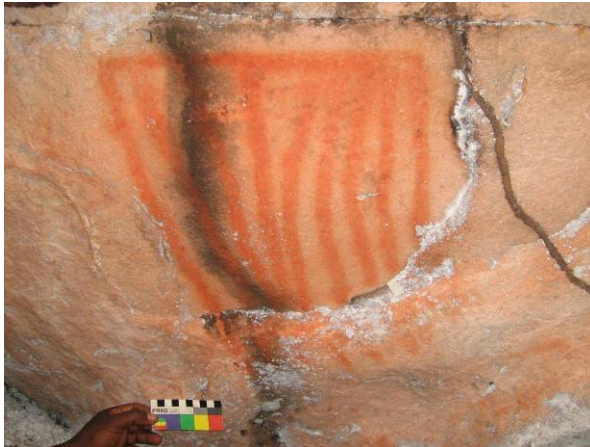


Imagem 6: Geométrico do sítio São Judas Tadeu IV. Foto: Carlos Costa (Fev/2009).



Imagem 7: Geométrico do sítio Olho d'água. Foto: Carlos Costa (Jan/2010).

➤ A seqüência estratigráfica dos painéis de pintura (a sobreposição de momentos pictóricos) apresenta uma recorrência precisa nos diferentes sítios, quando sempre aparece como primeiro momento de representação as pinturas figurativas (antropomorfos, zoomorfos e fitomorfos), seguidas pelos geométricos feitos com uso dos dedos que, por sua vez, estão sob as representações geométricas feitas em *crayon*;

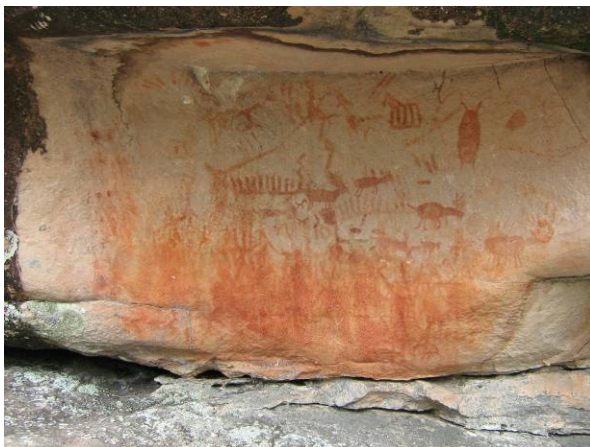


Imagem 8: Painel do Complexo do Tombador, com geométricos sobre figurativos. Foto: Carlos Costa (Fev/2009).



Imagem 9: Zoomorfo de sítio Pedra Pintada. Foto: Carlos Costa (Fev/2009).

➤ O padrão pictórico de representações situado intermediariamente na sobreposição dos painéis, referente às pinturas geométricas aplicadas com o uso dos dedos, não pode ser interpretado como um momento único de pintura, na medida em que também existem sobreposições de signos feitos com esta técnica. Este fato parece sugerir a existência de um lapso temporal de execução desta

prática de representação, cuja técnica e gramática decorativa parece ter obtido persistência espaço/temporal.

A primeira consideração que podemos chegar a partir dos dados apresentados é a de que o conjunto gráfico então reconhecido no Piemonte da Chapada demonstra a recorrência de motivos geométricos feitos com o uso dos dedos, que surgem em 43 dos 45 sítios conhecidos. Tal recorrência é notavelmente verificada nas técnicas de disposição e aplicação das representações, nos motivos representados, na escolha do suporte e, sobretudo, na distribuição espacial dos sítios no território. No que concerne às questões de representação, como demonstramos, já é possível indicar nove signos geométricos específicos que se sobressaem do universo levantado. Para um deles, em especial aquele que parece um pente, aventamos a possibilidade de defini-lo como “emblemático”, de acordo com conceito preconizado por Gabriela Martín (1999), frente a sua expressiva recorrência. Tais signos e suas características sugerem a existência de uma gramática gráfica particular para a região setentrional da Chapada Diamantina.

Frente a este conceito preliminarmente esboçado, cabe explicitar que utilizamos o termo “gramática gráfica” ou “gramática decorativa” (Otte, 1985) de maneira intencional, pois compreendemos que as representações rupestres geométricas, até agora identificadas, sugerem códigos gráficos específicos, para o qual jamais saberemos os significados, mas, que nos possibilitará, nos estudos regionais, caracterizar territórios particulares de uso de determinadas populações, que tinham como elo comum códigos gráficos. Como qualquer gramática, um dos princípios que a rege é a da recorrência de ícones idênticos que associados com outros ícones e dispostos de maneira semelhante em diferentes espaços representam idéias iguais. Esta forma de expressão gráfica nos suportes rochosos, entendidas como gramática, no plano dos significados, permite três outras considerações, que igualmente determinam que os indivíduos que confeccionavam tais motivos teriam: 1) a possibilidade de representação de idéias a partir de códigos gráficos; 2) a possibilidade de transmissão destas idéias para outros indivíduos; 3) e a possibilidade de materialização e propagação das idéias, para além de sua permanência física no espaço.

Como é perceptível a partir de nossas considerações, os nossos estudos acabam por adquirir um viés regionalista, o que nos conduzirá, inevitavelmente, a leitura da paisagem regional (Criado Boado, 1999) e o estabelecimento de nexos entre os diferentes ambientes com os sítios arqueológicos e, assim, discutir acerca da fragilidade das abordagens deterministas ambientais.

Outra discussão diz respeito ao fato das figuras geométricas terem expressão universal, na medida em que em boa parte das sociedades de diferentes regiões do globo são identificadas representações geométricas para expressar idéias. De acordo com a geometria euclidiana, faz parte dos próprios elementos de cognição humana à percepção do mundo a partir da lógica geométrica, matemática. Este fator tem conduzido aos arqueólogos ao entendimento de que tais elementos seriam frágeis para promoção de interpretações arqueológicas regionais. Entretanto, os dados empíricos que dispomos nos levam a perceber que a maneira com que estes motivos são feitos e estão dispostos e associados nos sítios demonstram peculiaridades significativas, que certamente apresentam repertórios gráficos particulares relacionados, muito possivelmente, aos grupos humanos que ocuparam o Norte da Chapada Diamantina. Tais considerações nos conduzem a entender que, longe de impossibilitar, as representações geométricas de características universais permitem dados seguros para interpretações arqueológicas regionais. Ou seja, o interesse efetivo não deveria residir no fato de serem geométricas, mas na compreensão de como estes elementos estão peculiarmente associados; como estão formalmente organizados no espaço.

No que diz respeito à seqüência estratigráfica dos painéis pictóricos, anteriormente indicada, em que os motivos geométricos feitos com *crayon* sobrepõem-se aos geométricos aplicados com o uso dos dedos e, por sua vez, estão sobre os motivos figurativos, cabe frisar que tal situação já havia sido indicada por Carlos Etchevarne para sítios rupestres do território baiano (2007), o que demonstra que estes dados locais são muito importantes para a construção de um cenário arqueológico mais amplo, para o Estado.

Neste ponto, cabe lembrar que esta sucessão de maneiras de representar sugere que a região Piemonte tinha contingentes populacionais expressivos, em diferentes momentos do tempo. Isto é verificado pela marca (recorrente e com padrões

específicos) da passagem destes grupos a partir dos vestígios identificados. A continuidade dos estudos tem possibilitado acirrar esta hipótese, com dados empíricos consistentes. Nunca é demais lembrar que os estudos têm sido realizados respeitando a particularidade de cada sítio, sua inserção no território e sua relação com as diferentes ocupações pré-coloniais.



Imagem 10: Recorte de carta da região de Jacobina, com distribuição dos sítios localizados no Piemonte da Chapada Diamantina. O alinhamento à esquerda corresponde aos sítios identificados na Serra do Tombador. Por sua vez, o alinhamento à direita corresponde àqueles na Serra de Jacobina.

Embora centremos nossas atenções às representações rupestres, cabe explicitar que, em última análise, a nossa intenção, ao abordar estes dados, é interpretar culturas, na medida em que percebemos que a maneira de fazer (representar) os motivos gráficos, bem como o que eles formalmente apresentam, expressam escolhas sociais, determinadas por dinâmicas culturais específicas, para as quais detemos, unicamente, esta parcela da cultura material. Não temos dúvidas que as representações do norte da Chapada Diamantina indicam diferentes aspectos de identidades culturais, com certa maleabilidade (dinâmica) e certo grau de resistência, mas, sem dúvida, com normas próprias desta região. Assim sendo, as diferenças gráficas apontam, possivelmente, para episódios de ocupação bem marcados, ocorridos, em alguns casos, em diferentes momentos temporais, ou mesmo paralelamente.

Por fim, cabe esclarecer que todo este esforço de pesquisa e construção de conhecimento para esta área da Bahia não estaria sendo realizado se não tivesse por trás desta ação um fim preservacionista. Como já afirmáramos nos momentos introdutórios deste texto que esta área sofre um intenso processo de exploração desordenada das potencialidades minerais. Tendo em vista acreditarmos que a pesquisa se afigura como o melhor meio de potencializar a proteção deste legado cultural, entendemos que nossas práticas fomentarão, a médio e longo prazo, a conscientização sobre a importância deste patrimônio, no que concerne às questões de história e identidade, e, conseqüentemente, os meios para a salvaguarda destes bens.

Assim sendo, o próprio processo inicial de pesquisa, correspondente ao levantamento de dados, já pressupõe um passo significativo para um diagnóstico das potencialidades arqueológicas da região e, assim sendo, auxiliam na criação de mecanismos de gestão patrimonial. Apenas retornando a um dado já apresentado, nós hoje levantamos 45 sítios para esta região, informação que há um ano e meio era desconhecida.

É com este interesse preservacionista, iniciado pela pesquisa, que temos mantido estreita relação com membros da comunidade organizada, com membros da administração pública municipal e com docentes e estudantes da Universidade Estadual da Bahia – Campus Jacobina, articulando com agentes sociais que tenham vínculos de identidade com o território onde os sítios são localizados, para auxiliarem neste processo de preservação. Isto porque compreendemos que os processos de proteção e gestão do patrimônio perpassam, necessariamente, pelas questões de reconhecimento e valorização social, de forma que só ganharão sentido se vividos, compreendidos e compartilhados por aqueles que convivem com estes vestígios.

O intuito deste artigo foi o de apresentar ao leitor os dados que temos observado na área de estudos, bem como os meios de valorizar este patrimônio, com o interesse de pôr nossas observações à prova. Entretanto, esperamos ter esclarecido que as pesquisas se encontram em desenvolvimento, de maneira que continuamos a levantar sítios e depurar os dados que dispomos. A idéia é que a continuidade das pesquisas permita propor novas diretrizes de trabalho, reformular aquelas já

lançadas (Costa, no prelo) ou mesmo refutá-las. Assim sendo, nos interessa ter o maior número de dados possíveis para elaboração de interpretações arqueológicas seguras, calcadas em dados empíricos, da mesma forma que possibilitar meios para a preservação, gestão e uso social público deste legado.

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

COMERLATO, F. *Representações rupestres do litoral de Santa Catarina*. Porto Alegre: PPGH/PUCRS, 2005 (tese de doutorado).

COMERLATO, F. *Relatório semestral - estudo metodológico em sítios de gravuras rupestres em lajedos, Bahia*. Salvador: PPGCS-UFBA / MAE-UFBA, 2006 (texto digitado).

COSTA, C. *Representações rupestres no Piemonte da Chapada Diamantina - região de Jacobina*. In: Anais do XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Belém: UFPA (no prelo).

COSTA, C. Sítios de representações rupestres da Bahia (1950-1990): levantamento dos dados primários dos acervos iconográficos das coleções arqueológicas do MAE/UFBA. *CANINDÉ – Revista do Museu de Arqueologia do Xingó*, nº 6. Xingo: MAX/UFS, 2005, pp.139-157.

CRIADO BOADO, F. Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje. *CAPA 6. Criterios y convenciones en arqueología del paisaje*, 1ª ed. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 1999.

ETCHEVARNE, C. *Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos registros rupestres do Estado da Bahia*. São Paulo: Odebrecht, 2007.

ETCHEVARNE, C. As pesquisas arqueológicas no âmbito da Universidade Federal da Bahia. In: ETCHEVARNE, C. (Org.). *Memória do seminário arte rupestre no Nordeste do Brasil: pesquisa, preservação e gestão de sítios arqueológicos de pinturas e gravuras rupestres*. Salvador: FFCH/UFBA, 2005a, pp.11-32.

ETCHEVARNE, C. O patrimônio arqueológico na Bahia. Algumas considerações sobre o estado atual da questão. In: ETCHEVARNE, C. (Org.). *Memória do seminário arte rupestre no Nordeste do Brasil: pesquisa, preservação e gestão de sítios arqueológicos de pinturas e gravuras rupestres*. Salvador: FFCH/UFBA, 2005b, pp.33-39.

ETCHEVARNE, C. Arqueologia no Nordeste brasileiro. Breve balanço e perspectiva. In: ETCHEVARNE, C. (Org.). *Memória do seminário arte rupestre no Nordeste do Brasil: pesquisa, preservação e gestão de sítios arqueológicos de pinturas e gravuras rupestres*. Salvador: FFCH/UFBA, 2005c, pp.41-47.

LEROI-GOURHAN, A. *Simbolos, artes y creencias de la prehistoria*. Madrid: Itsmo, 1984.

MARTÍN, Gabriela. *Pré-História do Nordeste do Brasil*, 3ª ed. Recife: EDUFPE, 1999.

MEGGERS, B. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976.

- MEGGERS, B., 1974 - A reconstrução da pré-história amazônica. São Paulo: EDUSP, 1974.
- OTTE, M. (Org.). *La signification culturelle dès industries lithiques. Actes du Colloque de Liège du 3 au 7 octobre 1984*. Studia Praehistorica Bélgica 4. BAR Internacional Series 239, 1985, pp.310-327.
- PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: UnB, 1992.
- SAMPAIO, A. R.; SANTOS, R. A.; ROCHA, A. J. D.; GUIMARÃES, J. T. (Orgs.). *Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil – PLGB. Jacobina – Folha SC.24-Y-C, Estado da Bahia. Escala 1:250.000*. Brasília: CPRM/DIEDIG/DEPAT, 2001.
- SANCHIDRIÁN, J. L. *Manual de arte prehistórico*. Barcelona: Ariel, 2001.
- VIALOU, D. Niaux, Une Construction Symbolique Magdalénienne Exemplaire. In: RIPOLL-PERELLÓ, E. (Orgs.) *Arspræhistorica. Anuario Internacional de Arte Prehistorico* (Tomo I). Barcelona: AUSA, 1982a, pp.19-45.
- VIALOU, D. Une lecture scientifique de l'art préhistorique. In: *La Recherche*, n. 139, décembre. Paris: s/e, 1982b, pp.1484-1487.
- VIALOU, D. Des blocs sculptés et graves. In: *Histoire et archeologie*, n. 87, octobre. Paris: s/e, 1984.
- VIALOU, D. Ethnoculture des données symboliques au sein d'une culture lithique régionale. In: OTTE, M. (Org.). *La signification culturelle dès industries lithiques. Actes du Colloque de Liège du 3 au 7 octobre 1984*. Studia Praehistorica Bélgica 4. BAR Internacional Series 239, 1985. pp.310-327.
- VIALOU, D. L'art paléolithique, un message codé. In: *La Fabuleuse Aventure de la Vie*. Paris: Sélection du Reader's Digest, 1987, pp.198-203.
- VIALOU, D. Les images préhistoriques. *La Recherche*, n. 144, vol. 14. Paris: s/e: 1993, pp.586-597.
- VIALOU, D. L'art paléolithique. In: OTTE, M. *La Préhistoire*. Paris/Bruxelles: De Boeck Université, 1999, pp.213-289.
- VIALOU, D. Arte Rupestre: Métodos de Pesquisa. In: VILHENA-VIALOU, A. (Org.). *Pré-História do Mato Grosso. Vol. 1 - Santa Elina*. São Paulo: Edusp, 2005, pp.25-30.

Carlos Alberto Santos Costa

Graduado em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (2001); Mestre em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2005); Mestre em Arqueologia pela Universidade de Coimbra (2007); e Doutorando em Arqueologia pela Universidade de Coimbra. Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.